

Jaime Retamal Salazar

Pedagogia Animal

Um Bestiário em Gabriela



Ariadna
ediciones

Pedagogia Animal

Um Bestiário em Gabriela

Pedagogia animal. Um Bestiário em Gabriela

Jaime Retamal Salazar

Santiago de Chile, septiembre 2026

Primeira edição portuguesa

ISBN: 978-956-430-016-0

Ariadna Ediciones

ariadnaediciones.cl/

<https://doi.org/10.26448/ae9789564300160.199>

Capa: Francisco Parra R.

Diagramação: Matías Villa Juica.

Tradução ao português do brasil: Vicente Sandoval Cruz

Revisão tradução: Francisca Eugênia dos Santos, USACH

(Universidade de Santiago de Chile)

Obra bajo Licencia Creative Commons



Esta editorial postula o indexa su producción, de acuerdo al carácter de la materia de los libros, en Book Citation Index de WoS(sólo libros en inglés, ver <https://n9.cl/bx7i3>); en Dialnet libros; Open Access Publishing in European Networks, OAPEN; en el Muse Project (Universidad John Hopkins); en el Directory of Open Access Books, DOAB; en Open Textbook Library; en la Sala de lectura Hispana de la Biblioteca del Congreso de EEUU; en la Digital Library of Commons (Universidad de Indiana, EEUU). Además, agrega sus trabajos en los repositorios ZENODO (OpenAIRE, Europa Occidental), en Scilit; HAL (Archives ouvertes, Francia), Google Scholar; SSOAR; ProQuest Central; Knowledge Commons Works; PhilPapers; The Philosopher's Index; WorldCat; Scipedia; Humanities Commons; Modern Language Association MLA; Open Library (Internet Archive); Open Research Library, la red social académica Academia.edu. Indexa, a la vez, toda producción en el repositorio ANID que cuente con folio Fondecyt. Todos nuestros textos disponen de los registros ISBN y DOI. El ISNI (International Standard Name Identifier o Identificador Estándar Internacional de Nombres) de esta Editorial es el <https://isni.org/isni/0000000485172652> Catálogo de la editorial: <https://ariadnaediciones.cl/>

Impreso en Talleres Gráficos LOM.

Pedagogia Animal

Um Bestiário em Gabriela

Jaime Retamal Salazar

Tradução ao português do Brasil:
Vicente Sandoval Cruz

*Este ensaio foi o vencedor do Concurso Nacional de Ensaio 2025:
Pensamento Educativo de Gabriela Mistral, organizado pela
Universidade Pedagógica UMCE para celebrar os 80 anos do
Prêmio Nobel de Literatura da poetisa chilena.*

2026



Para Daniela, a melhor professora do mundo.

Obrigado Manuel por me convidar a
conhecer a Gabriela, irmãzinha franciscana.

São Francisco de Assis acariciou e serviu à besta, ao pássaro e à planta, e encontrou o mais natural do mundo aproximar-se à besta feroz, zelar pela vida das abelhas, entender-se com o falcão, cantar, sim, cantar, em belos versos latinos, ao Sol, à água e ao Fogo, e louvar até o que chamamos de “inanimado” em um tipo de filialidade para o planeta...

Gabriela Mistral

Índice

Introdução	15
Questões de Método	19
Um Bestiário em Leituras para Mulheres	21
Felina	29
O Gato	31
Besta de Agosto	33
A Mascarada	35
A Poesia Feliz	39
Ler o Não Escrito	43
A Graça e a Besta	45
A Besta Humilde de Ser	47
O que é a Leitura	51
O Kairós da Laboriosa	53
Referências	57

Introdução

No conto, a literatura infantil tem sido, mais ou menos, a fábula de La Fontaine que, com voluntária temeridade, eu quero dizer que me parece má, não muito por si mesma como pelo gênero a que tem dado lugar. La Fontaine normaliza com elegância e malícia: a família pedagógica de La Fontaine começou a normalizar com incômodo irritável. Por outra parte, e aliás, as moralidades que quis ensinar La Fontaine resultam muitas vezes odiosas, pelo menos ao sentido moral de raças que não sejam a francesa. Por exemplo, *A Cigarra e a Formiga*, que o bom Fabre provençal tem retificado, me deu sempre alguma repugnância: digo outro tanto de *O Cordeiro e o Lobo*. Uma moral para crianças com base na astúcia, parece-me perversa e quando menos pouco atraente para a nossa raça generosa.

Gabriela Mistral

Um besteiário na obra de Gabriela Mistral, uma coleção de textos sobre animais que de muito longe ou, melhor ainda, de muito perto ultrapassam uma estética monocromática e de traços simples. Há ouro no besteiário da Mistral. Alvíssaras que nos foram apresentadas desde um manancial sublime de imaginários terrestres, profundos, místicos. Recados para um tempo de guerra, conflito cultural e catástrofe ecológica. Devaneios felizes para aqueles que ainda desfrutavam da palavra. Recados a um presente

que segue e segue derruindo sua matéria e fundamento social. Biografias lúdicas e luminosas de animais que apelam para a amizade e a misericórdia, para a profundidade do mistério. Recados para seguir sonhando -exigindo- a paz. Poemas de uma *educadora nata* cujo magistério tem uma voz misteriosamente mansa, mas nunca domesticada, voz intuitiva que desfruta genuinamente ensinando e aprendendo, ao mesmo tempo, porque a *conversação* foi também seu método. Um bestiário que não é de modo algum um zoológico de símbolos, estampas para uma exposição, desculpas para delinear uma filosofia que, de forma complacente, minimizasse por exemplo o impacto eco homicida. De jeito nenhum. As bestas de Mistral são *irmãs* bestas. Animais com sua própria substância. Personalidades que doam um particular ponto de vista biográfico. Histórias que vêm para demonstrar que Gabriela Mistral não só conhecia o *poder da escrita*, mas sobremaneira, o *da leitura*. A leitura como liberação. O *poder da leitura* como exercício de transformação. A Mistral alfabetizadora, portanto, não só da palavra inscrita em um silabário, mas sim de uma complexa inteligência acolhida simplesmente em seu sentido oral e solidariamente compartilhado: o contar, o relatar, o maravilhar. Em qualquer caso, seu bestiário também não é o símbolo de uma Arca Salvífica, mas o de um bastião de resistência contra o desastre, a crise, a emergência ambiental, mas também contra um pedagogismo normalizante e moralizador. O fogo de sua prosa, seu impulso, seu ímpeto vital, é um princípio criativo que permite-lhe intuir a natureza fluida, não do alheio, mas do próprio cântico profundo que nos une em uma ecologia cósmica, em um *cântico dos cânticos*. Não é a fé em um ser transcendente, é a *sã* imanência nietzschiana de uma menina que joga criar e recriar, exaltada ante a multiplicidade de modos de viver a vida humana, por cima o unilateral falso moralismo das

antigas éticas e, obviamente, muito além da velha, mas categórica diferença entre almas humanas e almas animais. Mistral reúne, mas não analisa; congrega, mas não discrimina; intui, mas não explica. Não há nada que explicar soberanamente. O impulso interno e vivo, o *élan vital* de um rio contínuo que flui rapidamente desde as saliências da cordilheira andina até o solo terrestre, compartilhado com as bestas, não cessa em uma busca de novas vias de reencontro ou emoção. As bestas da Mistral, por conseguinte, também não são máquinas cartesianas insensíveis dispostas ao abuso. São sabedoria, voz poética. São um tecido entre pedagógico e educativo sobre o valor profundo - segredo? arcano? - das bestas que, uma vez *irmãs bestas*, nos convidam a ler suas próprias biografias, a narração que encarnam, o espírito que as habitam. Nunca na história humana um bestiário ficou de fora de um ou vários sentidos didáticos, muito pelo contrário, o símbolo, a metáfora ou a alegoria animal é uma síntese profunda de um ensino, ao mesmo tempo sutil e segura. Também não teria que ler o bestiário de Gabriela Mistral como um corpus esotérico cheio de criptografias, enigmas, recantos, meandros, artimanhas. Sua transparência pedagógica, sem ardil, é ao mesmo tempo sua beleza estética: é saber *contar* o que somos diante de *outros*. A Mistral nos convida a exercer o *poder da leitura* diafanamente, sem a intenção de brilhar como um gênio do mal que respiga suas verdades em um infinito de esconderijos velados. A leitura é um poder, mas também *a leitura é um prazer*. O bestiário dela é um convite ao exercício de um soberano e livre prazer que, embora individual às vezes, em silêncio e até ensimesmado, é ao mesmo tempo um exercício solidário, porque a alegria de uma leitura, é compartilhado. Nosso objetivo neste ensaio é humilde. Consiste em desenhar alguns *esboços* sobre a pedagogia animal de Gabriela Mistral e o *nature writing* dela. Sempre que

possível conseguir um *desenho em rascunho*. Um esboço que se apresenta, sem a intenção de ser uma representação do original, fiel, objetiva. É o desejo por recriar uma introdução afetiva, *um début amoureux*.¹

1 Para a perspectiva biográfica animal fomos inspirados por Baratay 1998, 2008, 2012, 2015a, 2015b, 2017, 2021. Para a perspectiva filosófica animal fomos inspirados por Bacon 2021; Baillargeon 2012; Brémonty 2011; Maggiori 2005; Stiegler 2021; Zask 2020, 2021, 2022^a, 2022b. Para a perspectiva histórica dos bestiários seguimos as intuições de Pastoreau 2001, 2018.

Questões de Método

Cara e caro leitor... alguns detalhes de método. Primeiro, foi lido quase inteiramente o corpus do bestiário de Gabriela Mistral para incorporá-lo neste ensaio de tom compreensivo; por motivos de espaço evitou-se introduzir nele, a analítica discursiva, mas também, para estar em sintonia com *o sempre novo* que se aprende de Gabriela Mistral ao lê-la: penso que ela detestava o tom acadêmico de cunho pedante, especialmente se falamos de um bestiário. Segundo, foi procurado se possível afastar-se do tedioso modelo de citações e notas próprias do *artigo* acadêmico, no entanto, toda a bibliografia consultada está incluída no final, para orientá-lo sobre a nossa perspectiva de *biografia animal*. E terceiro, a caneta com a qual foram delineados os *esboços* tem o aparo da *compreensão progressiva do sentido*, um aparo atento à *subjetividade narrativa* e à *intuição mais reflexiva da experiência*. O esboço pedagógico do bestiário tem, por conseguinte, linhas de contorno, linhas auxiliares suaves, linhas de textura consecutivas em paralelo ou em padrão cruzado, e claro, linhas longas e soltas que expressam uma direção, um ritmo. Linhas implícitas e linhas de ênfase. Um *rascunho*.

Um Bestiário em Leituras para Mulheres

Jesus nasceu em um estábulo...um verdadeiro
estábulo é a casa das bestas, a prisão das bestas que
trabalham para o homem.

Giovanni Papini, em *Lecturas para Mujeres*

O bestiário de Gabriela Mistral foi como tal, *escrito*, em grande parte durante o segundo semestre de 1926 e depois, em menor grau durante 1932 e 1933. São suas conhecidas *Estampas de Animales*. No entanto, recolhida ao longo de seu trabalho é possível reconhecer outra prosa e outra poesia onde os animais se tornam presentes com suas alegorias, símbolos e metáforas. É mister, portanto, afirmar à partida que, em seu núcleo, o sentido de um bestiário em Gabriela Mistral é muito mais amplo que aquele que conhecemos nas *Estampas*, mas ele é reconhecível com a mesma profundidade e virada estética na obra dela.

Sirva o exposto para a escrita dela. Não obstante, consideramos que é prudente iniciar este ensaio conhecendo -desfrutando- uma obra em que a poetisa propriamente *não escreve*, mas sim na que ela *edita* um bestiário tremendamente belo e inteligente, cheio de emoção e militância, durante sua primeira estação no México. A obra em questão é sua *Lecturas para Mujeres* (1923). Nela encontramos Gabriela compartilhando textos, leituras

sobre animais. Certamente amava compartilhar leituras de todos os tipos. Sabia de seu prazer, mas também de seu poder. Diz-nos que tem coletado esta obra só para a escola mexicana que terá o nome dela. É o dever de deixar uma lembrança tangível de suas aulas numa escola quase industrial, onde o ensino da língua é nada mais que um apêndice, escola onde coabitam estudantes mulheres desde quinze a trinta anos. “Por outro lado -adverte- minhas alunas não cursarão humanidades em outro estabelecimento; ficarão, pois, sem conhecer as páginas belas da nossa literatura”. Certamente podemos falar do poder da leitura, aquele que bruscamente pode ser entendido como um poder de acumulação, de simples abundância de páginas e matérias. Mas a Mistral, antes, já sabe de onde verdadeiramente vem ou advém esse poder: da, às vezes, muda formosura ou ilusória beleza. É a beleza que salvará o mundo. O poder da letra escrita transita sempre mais além de um frio arsenal; longe, muito longe, de um inventário de mecânica memória. Neste sentido, não nos deixa nunca de surpreender cada uma das sutilezas da poeta: seu verbo é sempre novo, mas também a *inteligência editorial dela*, estrategicamente generosa. Diz-nos: “é bom dar-lhes nesta obra uma pequena parte da cultura artística que não receberão completa e que uma mulher deve possuir. É muito feminino o amor da graça cultivado através da literatura”. O amor à beleza, a elegância, a harmonia, a delicadeza e a fluidez. A graça da palavra. O favor, o dom, as alvíssaras do verbo bem dito. O abençoado amor. O cultivo da compaixão. As delicadezas da literatura. Tudo isso se deixa ver, não em um sentimento de insano ressentimento (como em parte alguns pudessem interpretar seu prólogo para *Lecturas para Mujeres*) mas na visão de uma companheira -como ela- amiga de toda a Mulher Americana. O bestiário compartilhado nesta edição de

Gabriela Mistral tem momentos notavelmente intensos.
Vaca do equatoriano Juan Montalvo:

Ouve esse mugido lento y amoroso que está ressoando no montado? É a vaca de úberes fartos, que clama por a ordenha. O bezerrinho vem, ajoelha-se sob a sua mãe, mama os tetos com afinco, chama a leite com cabeçadas raivosas, as deixa um ponto e se retrai. Vejam se é harmonioso e provocativo o barulho dos dois fortes jatos que do punho da ordenhadora e se rompem em quente espuma no assento do dornalho!

A leite, vinho natural, é o verdadeiro princípio da vida: nas veias, sangue; nos ossos, tutano; nos condutos mais recônditos, quilo precioso: tudo é leite. E o queijo? E a carne de cevado? E a lã da ovelha? Produtos que compõem os bens de fortuna de seu dono e são o essencial de suas posses, onde as flores e os arbustos estéreis não passam de arrebiques deslumbrantes.

Momento de solene gratidão à *vida que dá vida* através de um vinho que é compartilhado em uma mesa à qual todos estamos convidados, como o vinho de um Jesus crepuscular, nascido entre as bestas de uma manjedoura em Belém. Este momento, no entanto, através de um fino tino editorial da poeta, seu *subtilitas interpretandi*, é imediatamente contrastado com *A Vaca Cega* do catalão Joan Maragall:

Batendo a cabeça sem os troncos,
a inolvidável via da fonte,
a vaca continua sozinha. Está cega.

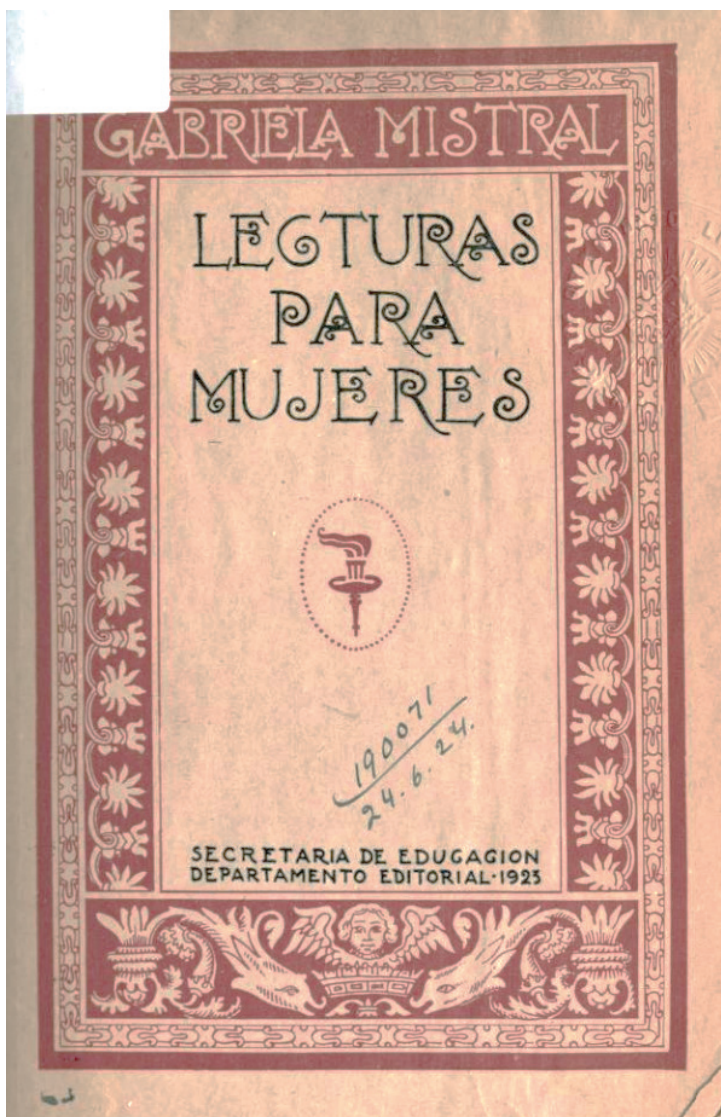
Temerário zagal a feriu em um olho
 de uma pedrada cruel; cobrem o outro
 densas nuvens; está cega a vaca.
 O manancial acostumado procura;
 mas já não vai com arrogante passo,
 nem com as suas companheiras; ela vai sozinha.
 Suas irmãs, em colinas, em vales,
 no prado, nas margens do rio,
 fazem soar os chocalhos enquanto
 pastam a fresca grama... Ela cairia.
 De cara dá com a esculpida pedra
 do tosco bebedouro, e volta
 envergonhada; mas torna ao ponto,
 inclina a testa e bebe lenta.
 Mal tem sede. Levanta depois
 ao céu, enorme, a chifruda frente
 com um trágico gesto; pisca
 sobre os olhos sombrios e órfã
 de luz, sofrendo o Sol, que arde e queima,
 volta com marcha trêmula, movendo
 lânguida e murcha a estendida cauda.

O contraste entre ambos os textos é uma amostra da tragédia do irmão animal *cego* pela irracionalidade da violência gratuita e bruta de um vaqueiro severo, *idiotamente* severo. Como é possível que tão trágico contraste seja uma realidade reconhecível, tristemente reconhecível, mas que no seu ziguezague infinitamente veloz, possamos encontrar uma forma de fazer aparecer a beleza de uma verdade cruel e inominável? Só tem sentido na *estulta* ignorância? O contraste marca também a intencionalidade estética de

uma sutileza de virada imediata no texto. Maravilhar-se com o universo criador é também repugnar-se com o tratamento desumano predador. É a possibilidade de desumanização para a qual só está convidado precisamente o humano -muito tristemente- humano demais. O *outro besta* é também o rosto de quem pede justiça. A *Vaca* se dá de peito farto *porque sim*. Mas não impede que mesmo assim, o preço do seu amor, seja o pagamento de um acordo de submissão e subalternidade brutal. Aqui, na seguinte tabela, o *florilégio* do bestiário da *Mistral editora*. Voltar para ele é importante porque a poetisa sempre esteve perto do *folclore de bestas*, atenta aos contos de animais. Deixemos que fale na edição dela. É um bestiário que dá o que pensar. Não só as histórias em si mesmas, mas seu conjunto, o modo como está alinhavado tecido com tecido, como estão escolhidos os cortes de uma jardineira que não só derruba, senão que demonstra a arte *de derrubar dela*. Para onde vai esta *arte do podar*? De onde vem esta sabedoria? Os bestiários são de antiga tradição. Mas seu sentido varia sobretudo por aqueles que os revivificam geração após geração. Para onde arriba Mistral com esta mensagem aos estudantes dela, com suas *Lecturas para Mujeres*? Até onde?

ANIMALIA	AUTORES
Orfeo Encantando a los Animales	Paul Fort (francés) 1872
El Canto del Ruiseñor	Jules Michelet (francés) 1798-1874
Los Tordos	Leopoldo Lugones (argentino) 1874-1938
El Nido	Jules Michelet (francés) 1798-1874
Cigüeñas Blancas	Guillermo Valencia(colombiano) 1873-1943
Las Guacamayas	Stefan George (alemán) 1868-1933
La Abeja	Enrique Alvares Henao (colombiano)
El Cisne	Jules Renard (francés) 1864-1910
El Pavo Real	Jules Renard (francés) 1864-1910
Las Golondrinas	J.H. Fabre (francés) 1823-1915
Vaca	Juan Montalvo (ecuatoriano) 1832-1889
La Vaca Ciega	Juan Maragall (catalán) 1860-1911
El Buey	Giosue Carducci (italiano) 1835-1907
La Doma del Caballo	Ana Sewell (inglesa) 1747-1809
“Ritja”, la Querida Yegua	Vicente Borrantes (español) 1829-1898
El Vals del Osezno	Paul Fort (francés) 1883
El Perro	Manuel J. Othón (mexicano) 1858-1906
Platero	Juan Ramón Jiménez (español) 1881-1958
El Escarabajo	Abel Bonnard (francés) 1883
Canción de la Cigarra y la Hormiga	(Canción Popular de Provenza)
Una Cacería Fantástica	Gustavo Flaubert (francés) 1821-1880
El Espejo	Pedro Prado (chileno) 1886-1952

Bestiário editado em 1923 por **Gabriela Mistral**
em *Lecturas para Mujeres*





Felina

Numa bela coleção de fotos é possível ver a Gabriela Mistral trajada de uma espécie de túnica branca de linho ou algodão. Parece corada. Sentada aos pés de um colchão, o corpo curvo dela, corrige, lê ou escreve. Parece corada porque é a poeta em seu ato de poetizar, iluminada por feixe de luz misterioso. Ao seu lado, quase olhando para a lente pelo menos um, são observados dois belos gatos Sagrados da Birmânia. Mais como gatos Siameses, como é possível vasculhar em outras impressões fotográficas em preto e branco. Jovens felinos ou felinas que deixam adivinhar sua doçura e o azul safira de seus lindos olhos. Mas com vontade lúdica, numa mistura branca e amarronzada, que não chega a ser sépia, é perfeitamente possível brincar de imaginar não dois, mas *três felinas*, a poeta uma delas. Não é puro acaso este jogo cromático com o felino de Birmânia ou Siamês. Neruda quando a recordava de sua adolescência dizia: “Em seu rosto trigueiro, em que o sangue índio predominava como num belo cântaro araucano, seus dentes branquíssimos se mostravam num sorriso pleno e generoso que iluminava o quarto.” A poetisa imaginada em suas cores vivas -felinas- nos deixou um poema em prosa, já dentro de seu próprio bestiário, intitulado *El Gato*, onde nos surpreende sua agudeza e sensibilidade.

O Gato

Tem ritmo lento; para pressa, o cachorro que come plebeiramente espirrando a borda do prato. Ele é lento como os grandes relógios.

Podem ser criados muitos cachorros em uma casa; mas o gato deve estar sozinho, no fundo de uma sala, como a pedra em um anel.

Bem breve é isso de agosto nos telhados, para tirar a dignidade dele: umas três semanas em que não lambe pelas manbãs maravilhosamente. No entanto, o resto do ano, que decoro!

O homem, bárbaro, nunca vai sentir a chama como ele a sente: a bebe com seu pescoço espesso, a derrama nele pelo lateral; a chama entra nele, ronrona dentro dele, é guardada, melíflua, em seu ventre.

Os pintores malandros só sabem pintar os olhos dele com dois quartzinhos açafranados. O que ele põe no mundo é a bondura do ronronar dele.

Falam do bufante da rosa; para suavidade perfeita, o batido do costado dele junto ao fogo.

Há algo, contudo, mais dele que a chama: o colo de uma velha dama; seu joelho é profundo como brocado.

A languidez deriva da sua perfeição: o abandono em que entram as formas plenas.

Um gato pertence à ordem outonal como um fruto; está grávido de sono.

Resta-lhe algo áspero: a língua que a saliva não suaviza. Costuma esquecer sua falha e tira-a para completar uma carícia. Então o joga a velha dama desde seus joelhos.

Há muitas pessoas - as truanescas- aos quais tem faltado seu magistério de lentidão. Não tem sabido sustentar, como uma densa magnólia, um gato no seu colo.

Aqui uma de suas definições sobre o mundo: «Os pobres são aqueles que não podem sustentar mais de dois ratos em sua despensa.»

Está roncando com o ventre cândido contra o fogo. Mas abaixo repousam três ratos que engoliu com sua boca rosada.

Besta de Agosto

Na biblioteca pessoal de Gabriela Mistral encontramos alguns livros de D.H. Lawrence, o célebre autor de *O amante de Lady Chatterley*, mas também pode-se dizer, o autor de um nutrido bestiário. A poetisa tinha pelo menos uma versão de *A Serpente Emplumada* em espanhol e francês; o conto *The Lovely Lady* em espanhol; em francês *La Femme et la Bête* que corresponde à novela intitulada *St. Mawr*; *Matinées Mexicaines* que corresponde à coletânea de relatos de cunho ensaístico intitulada *Mornings in Mexico*; e *L'Amazone Fugitive* que é o romance *The Woman Who Rode Away*.

D.H. Lawrence é um autor através do qual conjuga-se sucesso e escândalo ao mesmo tempo. Observador da emancipação da mulher ou misógino inveterado? D.H. Lawrence, ao dizer de Catherine Millet, é um autor que deve, antes, ser entendido em seu contexto quebrando tabus, enfrentando hipocrisias, explorando as encruzilhadas do desejo face às certezas do moralismo religioso. Foi um errante, um exilado, um mal compreendido. Por que Gabriela Mistral não poderia ter lido Lawrence, ou melhor, por que o leu e o que encontrou em sua leitura? Si tivesse havido recusa ou censura, talvez um único livro não é poupado da lixeira ou do fogo numa lareira. Talvez a existência de mais de um livro pode ser devido a uma busca intelectual -e mesmo prazerosa- de uma poeta como

Gabriela Mistral que personificou em muitos aspectos o inconformismo com uma sociedade, como a chilena, conservadora em sua mentalidade e em sua moralidade. Em D.H. Lawrence também podemos encontrar uma crítica social severa sobre as consequências do capitalismo que deixava-se ver nos tempos do autor.

Não há sujeira nenhuma na liberdade exercida na leitura ou nas leituras que a Mistral poderia ter feito com e por Lawrence. Nossa ideia se repete. A Mistral que alfabetiza é mais que uma mulher que ensina a escrever. O seu é um magistério da leitura. De toda leitura. Todo gato tem o seu agosto. Por que não Gabriela:

Livros, calados livros de estantes,
vivos em seu silêncio, ardentes em sua calma;
livros, os que consolam, veludos da alma,
e que sendo tão tristes nos fazem radiantes!

A Mascarada

Acredito no meu coração que o verme
jamais morderá, pois cegará a morte;
acredito em meu coração, o reclinado
no peito de Deus terrível e forte.

Gabriela Mistral, Desolación.

Ivonne Gordon Vailakis em *A Hungry Wolf. The Mask and the Spectacle of Gender in Gabriela Mistral* tem uma tese que teremos por bem incorporar não só por audaz, mas porque faz reluzir uma estratégia de militância, de resistência, até de orgulho pessoal se se quiser na poetisa chilena quando “volta” a contar a fábula *Chapeuzinho Vermelho* no seu livro *Ternura* (enfatizemos: bem no *final* do seu livro *Ternura*) reinterpretando a abjeta besta do *Lobo Mau*. Mistral teria empregado uma *máscara* como estratégia de ocultamento de um *projeto poético subversivo* para se infiltrar e criticar a ordem social dominante, mas de dentro. Transgredir as normas patriarcais, usar a violência da fábula para expor a violência na sociedade latino-americana, atenuar as fronteiras entre o masculino e o feminino, e *devorar* contos populares para reinterpretar seus significados e assim dar voz a mulheres e crianças incluindo-os na História -com maiúscula- latino-americana.

Gordon Vailakis nos expõe o problema:

Enquanto o esforço artístico de escritores como Huidobro é alcançar a pureza linguística, chegar a uma expressão de “grau zero”, a intenção de Mistral é mudar a ordem social dominante alterando suas representações convencionais através de uma prática poética. As mulheres poetas não foram só omitidas do cânone vanguardista, senão que também têm sido mal interpretadas. Este é o caso de Gabriela Mistral. Alguns críticos têm assumido que é uma escritora tradicional e conservadora, e, portanto, todas as críticas sobre sua obra têm sido interpretadas através deste prisma. (p.114)

Que dizer de *Ternura* de 1924... em qualquer caso o aparecimento do *Lobo Mau* perto do final da obra, somada ao *finale* potente intitulado *Colofón con Cara de Excusa* de Mistral, abre muito espaço para a tese de Gordon Vailakis. Fala Gabriela no *Colofón*:

Eu conheço, segundo dizia, defeitos e os erros de cada um de meus *embalos orais*, e ainda assim, dei e dou agora todos, embora saber que os complexos e gastadas tiveram que ser queimadas por abortadas. Uma vez mais eu carrego aqui, sabendo com as taras da mestiçagem verbal... Pertencço ao grupo dos mal-aventurados que nasceram sem idade patriarcal e sem Idade Média; sou dos que trazem entranhas, rosto e expressão *conturbados e irregulares*, por causa do enxerto; me incluo entre os filhos dessa coisa torta que se chama uma experiência racial, aliás, uma *violência racial*.

Antes disso, dentro do poema, novamente o contraste veloz do verbo mistraliano nos leva em *Chapeuzinho*

Vermelho desde o reconhecimento inicial do “coração tenro como um favo” da menina de cachos loiros, “ingênuo como os lírios brancos”, apaixonada pelas borboletas pintadas da floresta, até um cruel apetite perpetrado através do engano:

E o velho Lobo ri, e entre a boca preta
os dentes bancos têm um terrível fulgor.
“Vovó, me diga: por que esses grandes dentes?”
“Coraçãozinho, para devorar-te melhor ...”

A besta embolou, sob seus pelos ásperos,
o corpinho trêmulo, suave como velo;
e tem moído a carne, e tem moído os ossos,
e tem espremido como uma cereja o coração...

A Poesia Feliz

Luis Vargas Saavedra, um estudioso da autora, compila em *Gabriela Mistral. Caminando se Siembra*, entre outras, uma coleção de 20 *Estampas de Animales*. Elas constituem para nós o *coração* do bestiário mistraliano, no entanto, como se sabe, a *animalia* da poeta é densamente distribuída em múltiplos textos. Vargas Saavedra nos adverte no prólogo do volume:

Transcendendo a intenção pedagógica de vivificar a zoologia para as crianças, suas estampas adquiriram independência estética mediante lirismo, humor e franciscanismo... A maioria das Estampas foram escritas desde agosto a dezembro de 1926 (outras em 1932 e 1934)... Estendem o que podemos nomear o “efeito franciscano”... Tendo escrito Gabriela Mistral a série de estampas da vida de São Francisco é consistente com essa imersão de comentadora que se funde com o comentado, a levou a perceber a realidade, as matérias e os animais com semelhante euforia.

Mantemos entre parêntese crítico essa interpretação que consideramos *típica* sobre Gabriela Mistral. O vínculo linear com o franciscanismo pode nos induzir na ideia de que a poetisa canta para os animais desde uma compreensão teológica que, por sua própria natureza, poderia se

transformar numa leitura canônica, dogmática e até escatológica da criação. Não existe saber no mundo que, ao entrar em contato com a teologia católica cristã, saia indene e não seja submetido -transfigurado- num conhecimento “a serviço” do bem maior do catecismo (*ancilla theologiae*). A santidade monacal de uns cadernos de poemas, o numinoso mistério animal em uns versos, ou as sagradas verdades mistericas cifradas em prosas, tudo isso, longe de nos dar luz sobre o sentido da leitura de um bestiário, nos dá um *espartilho teológico* que, pode-se perceber, não faz justiça ao conteúdo de cada uma das estampas das bestas mistralianas. Mas também não um lustroso saber pedagógico, uma espécie de adultocentrismo que infantiliza a caneta, suavizando-a de toda possibilidade de sarcasmo, ironia ou duplos sentidos mais complexos, seja por seu erotismo, seja por seu sentido de poder, seja por seu *ethos* literário.

Nem a teologia clássica, nem o pedagogismo, nem o academicismo podem encerrar a arte de Gabriela Mistral dentro de um monacato sacramental, educacional ou universitário.

A poeta enquanto “irmã”, enquanto “mãe” e “mestra”, enquanto mesmo “grande poeta”, são pseudo compreensões que podem consistir só em *fechamentos hermenêuticos*, uns que querem dominá-la dentro de um cânon do qual nunca foi participante. A poesia dela tem, no entanto, e é completamente verdade, um vínculo com o teológico, com o pedagógico, com o poético, quem poderia negar, mas mais desde uma heterodoxia distante, desde uma crítica à microfísica do poder, a partir de uma voz indomável diante do bem-pensante mundo da cultura, a alta cultura.

Neste sentido, o bestiário de Gabriela Mistral também não deveria ser entendido desde o “oportunismo” -digamos assim- de uma estéril moda doutrinária ou ecologista, ou animalista, ou antiespecista. Sempre e mais. Uma ci-

tação de Michel Serres em *Hermès III La Traduction* para perfilar melhor o que queremos indicar neste avanço de argumento:

O saber nasce feliz. É compartilhado feliz, sem poder dividir-se, multiplica por si mesmo, os frutos do regozijo. Tem que jamais ter recebido a pontada aguda deleitável de uma solução ou de uma ideia, não ter avaliado de fato seu poder tau-matúrgico, sua eclosão à beça desde o momento em que se dá, para se murchar estéril, como tantos e tantos, entre um ofício que tem, no entanto, uma relação exata com o *riso* e o *eros*. O saber nasce feliz para o solitário atento ou para a equipe de trabalho. Em seu estado nascente, o saber é feliz...

A poesia de Gabriela Mistral nasce também *feliz* e está sempre em *estado nascente*. É também um saber, que *sabe*, que *apraz*, que *gosta* em seus frutos e sabores. E por isso. Adicionamos a isso, a poesia *sábia e feliz* que não está trancada em doutrina alguma. Essa não é a pedagogia de uma seita filosófica ou religiosa.

Como fazer para compreender à poetisa humana, simplesmente humana, desde um jogo criativo de um bestiário? A poética mistraliana, um ofício que além da escrita, é o ofício de um *saber ler sutil, sábio e feliz*.

Aqui está o Bestiário em forma, as *Estampas de Animais e outras bestas*:

BESTIARIO MISTRALIANO	
Anguilas	Focas
La Ballena	El Águila
El Carpintero	La Cigüeña
Las Golondrinas	La Gallineta
El Pavo Real Blanco	La Ardilla
El Camello	La Cabra
El Cocodrilo	El Conejo
El Elefante	Padre Elefante
El Gato	El Oso Blanco
La Gacela	La Hormiga
El Caracol	La Lechuza
La Chinchilla Andina	La Alpaca
El Faisán Dorado	El Albatros
Grillos y Ranas	Colibríes
Pavo Real	El Topo
La Cebra	El Armadillo
La Jirafa	La Tortuga
El Perro	El Queltehue

Fonte: **Mistral, G. (2024).** *Caminando se siembra. Prosas.* Santiago: Lumen.
Mistral, G. (2024). *Elogio de la naturaleza. Textos en prosa.* Santiago: Lumen.

Ler o Não Escrito

Este bestiário é um corpus literário multifacetado, que evoca um imaginário magistral e magisterial, feito com *maestria*. São observações anteriores a qualquer análise, leituras intuitivas que se irmanam com a intuição natural do animal. Chegam a ser experiências poéticas que desafiam com seu estilo as convenções sobre as bestas que encontramos na natureza. Peter Szendy em *Pouvoirs de la lecture* traz à tona uma aguda citação de Walter Benjamin que nos ajuda por bem, para poder somar à trilogia “teologia-pedagogia-literatura”, um novo saber, o relativo à *leitura da história*. Walter Benjamin recorre ao poeta e dramaturgo austríaco Hugo von Hofmannsthal, pelo menos duas vezes em sua obra, para enfatizar em uma muito especial ressonância filosófica. A citação de von Hofmannsthal é de todo enigmática y diz: *Ler aquilo que jamais foi escrito*. Cunha-se aqui um modo de ler que vai sempre além do literal. Perceber o implícito e o não dito. Ler a linguagem além do manifesto. Se o *poder da leitura* significa algo, pois consiste em esta visão quase mística da percepção. Podemos dizer, em vez de mística, semelhante a *crítica*, no sentido de *crítica social*, *crítica histórica* e *crítica cultural*. A citação completa, sem cortes benjaminianos, de von Hofmannsthal diz: *A verdadeira leitura é um processo não escrito; é: ler o que jamais foi escrito*. Para o nosso caso é a leitura do *gesto* animal, a *atmosfera* à qual nos convida, o jogo de *constelações de seres* que são possíveis de entrelaçar além da obviedade ou conclusão moralista de uma fábula-

la animal. Mistral diz no bestiário dela mais do que uma conclusão ética ou imperativa. A maestria não vai com o categórico. De fato, ela está além -em qualquer caso- da *pregação* teologal, a *exortação* magisterial ou a *canônica* estética. Não há nela intenção de seita. O seu é a generosidade de compartilhar uma leitura, um *contar*. A afirmação que faz ressoar o *poder* que toda leitura pode dá como resultado per si no âmbito do histórico: aqui e agora, mas também, sob o signo de uma agudeza. É, consideramos, um convite a que a crítica social a entendamos enquanto crítica inconveniente sobre as estruturas mais permanentes de como o poder se distribui na América índia, camponesa e pobre. Que a *verdadeira leitura é um processo não escrito*, significa ficar atentos a um *enredo*, a um *testemunho*, a uma *origem*, a um *destino*, a uma *tensão social não dita*, a uma *esperança reprimida*. Vale muito bem esta interpretação de Walter Benjamin para ampliar a *leitura animal* de Gabriela Mistral.

A Graça e a Besta

Não há duas leituras. Depois de *El Poema de Chile*, obra póstuma, o huemul, topo sublime e terrestre do bestiário mistraliano:

MENOS CONDOR E MAIS HUEMUL

Gabriela Mistral

El Mercurio, 11 de julho, Santiago, 1926

Os chilenos temos no condor e o huemul do nosso escudo, um símbolo expressivo como poucos e que consulta dois aspectos do espírito: a força e a graça. Pela mesma duplicidade, a norma que nasce dele é difícil. Equivale ao que têm sido o sol e a lua em algumas teogonias, ou a terra e o mar, a elementos opostos, ambos dotados de excelência e que formam uma proposta difícil para o espírito.

Muito se tem insistido, tanto nas escolas quanto nos discursos barulhentos, no sentido do condor, e se tem dito pouco do seu companheiro heráldico, o pobre huemul, a duras penas localizado geograficamente.

Eu confesso meu escasso amor para o condor, que, afinal, é apenas um belo abutre. Entretanto, eu vi o mais limpo voo dele sobre a cordilheira. Quebra-me a emoção a lembrança de que sua grande parábola não tem outra causa senão a carniça deitada em uma ravina. As mulheres somos assim, mais realistas do que nos imaginam...

Eu fico com esse cervo, que, para ser mais original, nem sequer tem a armação córnea; com o buemul não explicado sequer pelos pedagogos...

O buemul quer dizer a sensibilidade de uma raça: sentidos aguçados, inteligência vigilante, graça. E tudo isso é defesa, esporões invisíveis, mas eficazes, do espírito...

A Besta Humilde de Ser

Um bestiário de criaturas arcanas, mágicas e misteriosas nos oferece, em seu estilo literário, Jorge Luis Borges em *O Livro dos Seres Imaginários*. É literalmente um bestiário que lhe coloca vários problemas -por assim dizer- ao bestiário de Gabriela Mistral. Animais fantásticos, animais mitológicos. Seres imaginários que poderiam ser contíguos com o bestiário mistraliano. *Animais fabulosos* diante de *animais para uma fábula*, pode-se dizer à primeira vista. Animais vizinhos, em todo o caso. Não se trata de animais mitológicos que emergem para rivalizar contra o tom mais real das outras bestas. O território imaginário é mesmo compartilhado. Existem lindes, mas compartilha-se um espaço. Fazem limite um com o outro. Além disso, enfatizemos a força simbólica do bestiário de Gabriela, sua força alegórica, sua energia metafórica. Três dimensões que o bestiário de Borges pode nos ajudar a definir melhor. E mais que definir, *perguntar* melhor. Quem pergunta, sempre procura algo, e nosso perguntar já se revelou no que já escrevemos. Por agora, quando projetamos o perguntar, podemos repetir e notar que são contíguos um bestiário do outro. Podemos dizer que o *Livro* de Borges é claramente uma espécie de *dicionário* zoológico literário de animais fantásticos. Mas -vamos adicionar- é também uma espécie de *historiografia* e *geografia* da literatura que o viu nascer. O de Borges é uma viagem mágica terrestre, cultural, uma espécie de *exercício etno-mitológico* sobre o planeta da literatura que procura,

mais do que um afã de colecionar, um autêntico aprofundamento nas verdades mais arcanas da metafísica da imaginação do ser humano. Vamos parar um momento aqui. O Borges que *edita* é o mesmo que *escreve* e que *lê*. E também é o caso que a Gabriela Mistral que *edita* é a mesma que *escreve* e que *lê*. Editar, escrever e ler um bestiário têm um mundo comum imaginário embora estejamos falando de animais radicalmente diferentes. Diz Cynthia Fleury em *Métaphysique de l'imagination* que “a interpretação do escrito não é um mero desvelamento de significado, senão que é o acolhimento do *sentido* e do *outro*”. Adiciona, “a autenticidade do significado é medida pela capacidade de acolher o outro”. E remata, “a palavra humana é verdadeiramente humana quando é *palavra do outro*”. Isso nos faz repensar a virada comum que damos aos seres e às coisas, ao mundo, claro. E isso é assim, ou seja, *acontece*, porque parece que o *outro* de Borges é uma *exuberância de ser*, um animal fantástico; enquanto o *outro* de Mistral, é uma *humildade de ser*, o próprio ser do animal, sua biografia. É *mais outro* o animal mistraliano que o animal borgeano? Isso provocaria uma espécie de inversão entre Borges e Mistral, uma vez que o *animal fabuloso* do primeiro está mais próximo à materialidade de um ensino que o *animal fabulado* da segunda, mais próximo a um devaneio imaginário que alegremente escuta como efetivamente falam-lhe os *animais-outros*. O *excesso de ser* e a *humildade de ser* não são equivalentes do ponto de vista de sua leitura: ambos são um *outro* ao qual há que acolher, é verdade, mas não é possível igualá-los em seu sentido, porque o *excesso de ser* é mais “antropocêntrico” que a *humildade de ser*, mais “heterocêntrica”, digamos assim. Um é mais produto da imaginação própria que o outro, mais produto de uma autêntica colocação em perspectiva, e que não se “unifica”, não se “identifica” na imaginação própria do poeta. E aqui um notável paradoxo. Podíamos acreditar

que o *animal fabulado* era simplesmente a desculpa simbólica para produzir um ensino de tom moral, escolarizante; e pensávamos que o *animal fabuloso* era o símbolo excelso da imaginação, livre e criativa, autônoma de qualquer reforço pedagógico. Não se trata de comparar um autor com outro para definir qual é melhor. Não se trata de um exercício escolar. É mais sobre poder consensuar que o bestiário da Mistral tem tanta força imaginativa como o bestiário de Borges, embora a natureza dos animais seja completamente diferente. Ambas animalidades estão dentro do espaço comum da metafísica da imaginação, com fins distintos por sinal, *um* não é *outro* e o *outro* não é *um*, mas paradoxalmente o animal fabulado da Mistral está mais perto de um centro imaginário ouvinte das bestas que o animal fantástico de Borges que, sendo de por si um animal mágico, está mais perto de uma leitura que procura porquê mais direto e específico, ou seja, uma *lição filosoficamente moralizante*. A professora chilena ensina, mas com pedagogia, sutilmente; o escritor argentino, por outro lado, coloca como o *Emílio* de Rousseau, um véu sobre o que há para aprender. Gabriela, *mais palavra*. Borges, *mais conceito*. Gabriela, *mais fantasia*. Borges, *mais fantasmagoria*. Gabriela, *mais perto do ofício*. Borges, *da técnica*. Gabriela pioneira da *aesthetics of relinquishment*: *moderação, simplicidade, austeridade, até minimalismo*.

O que é a Leitura

Diz Cynthia Fleury, no texto antes assinalado que, embora a escrita implica um verdadeiro sacrifício, a leitura *lhe devolve* a vida. A leitura é um movimento de retorno. É o lugar da palavra humana. É na leitura donde *tem lugar* a escrita: a leitura é seu *além* radicalmente diferente. Neste sentido é possível afirmar que o Bestiário de Gabriela Mistral é uma *escrita para ser lida* e compartilhada solidariamente, em comunhão. Não só entre os seres que se chamam humanos, mas em coabitação com os seres que chamamos de animais ou bestas. Descobrimos a sensibilidade de uma gazela, a magia que doma um leão com a beleza, o pássaro que faz ninhos de amor, a maternidade de uma vaca, a triste dominação do cavalo, a ternura de um burro, a sarabanda caótica das enguias, a corporeidade assumida das focas, o humor de uma baleia que não sabe como coçar-se se for picada por um saltão-de-praia. Ler com Gabriela Mistral é devolver a vida. A imensidade das bestas: as sementes de um sonho.

O Kairós da Laboriosa

Vamos ler outro animal do bestiário da nossa poetisa, desta vez,

As Andorinhas

Não lhes apraz a forma da torre, e a toda tarde estão traçando outra, seja de laterais mais ágeis, uma torre melhor.

Lá estão, hoje como todos os dias, fazendo o desenho sobre a tarde, que é um quadro de ouro.

Assim... Assim... Assim...

Elas podem desenhá-la, embora não a possam fazer. Para isso, os de baixo. Mas a essa hora, os pedreiros voltaram cansados, se sintam no limiar de suas casas, dizem palhaçadas a sua mulher e não olham isso, a torre nova. E o arquiteto que vive na mesma praça, a esta hora lê no jornal a fofoca sobre Monsieur Poincaré.

As andorinhas exibem um escândalo de gritaria no ar, mais quieto que a touca da beguina. O arquiteto não levanta os olhos, ou os levanta se algo cai de cima à sua cabeça, uma gota branca, que não é coalhada... Se limpa e diz:

“Umas insolentes!”

Seguem traçando a torre. De ser o ar menos leviano, se for sequer o corpo da pena de cargo, já estaria tecida, como as duzentas

agulhas apaixonadas, tecida até o solo, porque elas descem da pracinha às nuvens. Mas não: o ar é uma coisa bastante árida na qual não se sustenta nada, fora dos maus odores de uma manjedoura.

As aguçadas passam agora rasando o rio com a asa estendida. Convidam à água, e ela tampouco se dispõe.

Que sim? Que sim! Antes da noite, sobe a névoa e aproveita o desenho que encontra no ar. E ali está agora a torre nova, mais branca e com os laterais mais sensíveis que a outra. Era isso o que elas queriam.

Mas no dia seguinte já não aparece, e as andorinhas voltam a fazer o projeto frenético, com seus duzentos e quarenta compassos azuis contra o quadro de ouro, como você, como eu...

*

O Gato, o Condor, o Huemul, agora as Andorinhas, perfilam esse verdadeiro testamento literário escrito como um tratado de zoologia não convencional, prosas que evocam o animal em uma história que reclama soberana a poesia para si, mas também a filosofia, por que não; também a leitura mais humilde, normal e cotidiana, essa que se faz em trajeto pelas manhãs ou pelas tardes, a caminho ou na volta do trabalho. Podemos fazer, mediante sua escrita, uma leitura mais pessoal de Gabriela, mais íntima, uma leitura que explora com uma linguagem a viva voz um bestiário também vivo, animais que são *seus outros*, talvez *seus companheiros*, *companheiras de jornada*. O artista, nos diz Cynthia Fleury, é “um ser vulnerável ao excesso que não cessa jamais de pôr a prova sua mesma vulnerabilidade e de pôr em risco seu ser ao extremo”. O argumento desse bestiário portanto não deixa de ser “uma prova de leitura” na que a professora mergulha em uma intimidade “perigosa”, pois “põe à prova” o que se

pensa propriamente, intimamente, mas também aquilo que pode ser compartilhado, que é possível convocar: é provar se o jogo de perguntas abertas, através de umas leituras, terá efeito ou não, no entendimento de que os leitores também vão se deixar levar pelo jogo. A “prova fácil” não põe nada em jogo, também não é que se interesse pelo outro. É provar como rotina padronizada. Diferente é quando se coloca *em jogo* o Eu Pessoal, o Eu Vulnerável, mas precioso como a mais preciosa joia. Neste momento, a metafísica da imaginação pode ser vinculada com uma metafísica do ensino, na medida em que ambas, não deixam de ser abordados nas ligações entre no Eu e o Outro. Ensinar ao Outro é entrar em estado de vulnerabilidade, se por ensinar entendemos uma pedagogia profunda e não convencional, além de uma lei ou projeto ou programa curricular. Sem espírito de seta: essa é a chave. Ensinar a ler é ensinar uma revolução. E antes que revolucionar os outros ou ao mundo é preciso se-revolucionar a si mesmo lá, no mais pristinamente vulnerável do Eu. O *saber ler*: um ato que vai muito além do ler assim, seco, simplesmente. Isso não é uma tarefa escolar. É a tarefa da Educação.

O que o Gato vem nos ensinar é seu “magistério de lentidão”. Em vez disso, as Andorinhas, com os seus “duzentos e quarenta compassos azuis” que desenham toda tarde uma “torre nova”, o magistério do esforço; do desenho no céu que, embora efêmero em sua temporalidade, é pura beleza de ofício, construída dia-a-dia. Pouco parece que podemos aprender do Condor, pois “sua grande parábola não tem nenhuma causa, além da carniça deitada em uma ravina”: o insano oportunismo viril e macho, não a sábia lentidão, nem o belo esforço. Na frente dele, o Hue-mul: “Sua força está na sua agilidade. O defende a finura dos seus sentidos: a sua audição delicada, o olho de água

atenta, o olfato apurado. Ele, como os cervos, costuma se salvar sem combate, com a inteligência, que se torna para ele um poder inefável”. Inteligência do tempo certo. *Kairós*.

Referências

- Bacon, F. (2021).** *L'Homme et la Bête*. Bruxelles: Royal Academy of Arts / Fonds Mercator.
- Baillargeon, N. (2012).** *L'arche de Socrate. Petit bestiaire philosophique*. Brixelles: Les Éditions Aden.
- Baratay, É. (2008).** *Bêtes de somme. Des animaux au service des hommes*. Paris: Editions de La Martinière.
- Baratay, É. (2012).** *Le point de vue animal. Un autre version de l'histoire*. Paris: Éditions du Seuil.
- Baratay, É. (2015a).** *Des bêtes et des dieux. Les animaux dans les religions*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Baratay, É. (2017).** *Biographies animales. Des vies retrouvées*. Paris: Éditions du Seuil.
- Baratay, É. (2021).** *Cultures Félines (XVIII - XXI siècle) Les chats créent leur histoire*. Paris: Éditions du Seuil.
- Baratay, É., & Hardouin-Fugier, É. (1998).** *Zoos. Histoire des jardins zoologiques en Occident (XVI - XX siècle)*. Paris: Éditions La Découverte.
- Baratay, É., Béata, C., Despret, V., & Vincent, C. (2015b).** *Chiens, Chats... Pourquoi tant d'amour ?* Paris: Éditions Belin.
- Bobis, L. (2000).** *Le chat. Histoire et légendes*. Paris: Fayard.
- Bobis, L. (2000).** *Une histoire du chat. De l'Antiquité à nos jours*. Paris: Fayard - Points.
- Borges, J. L., Guerrero, M., & Di Giovanni, N. (1970).** *The Book of Imaginary Beings*. New York: Avon Books.
- Brémonty, F. (2011).** *Bestiaire de Friedrich Nietzsche*. Paris: Les Éditions Sils Maria.

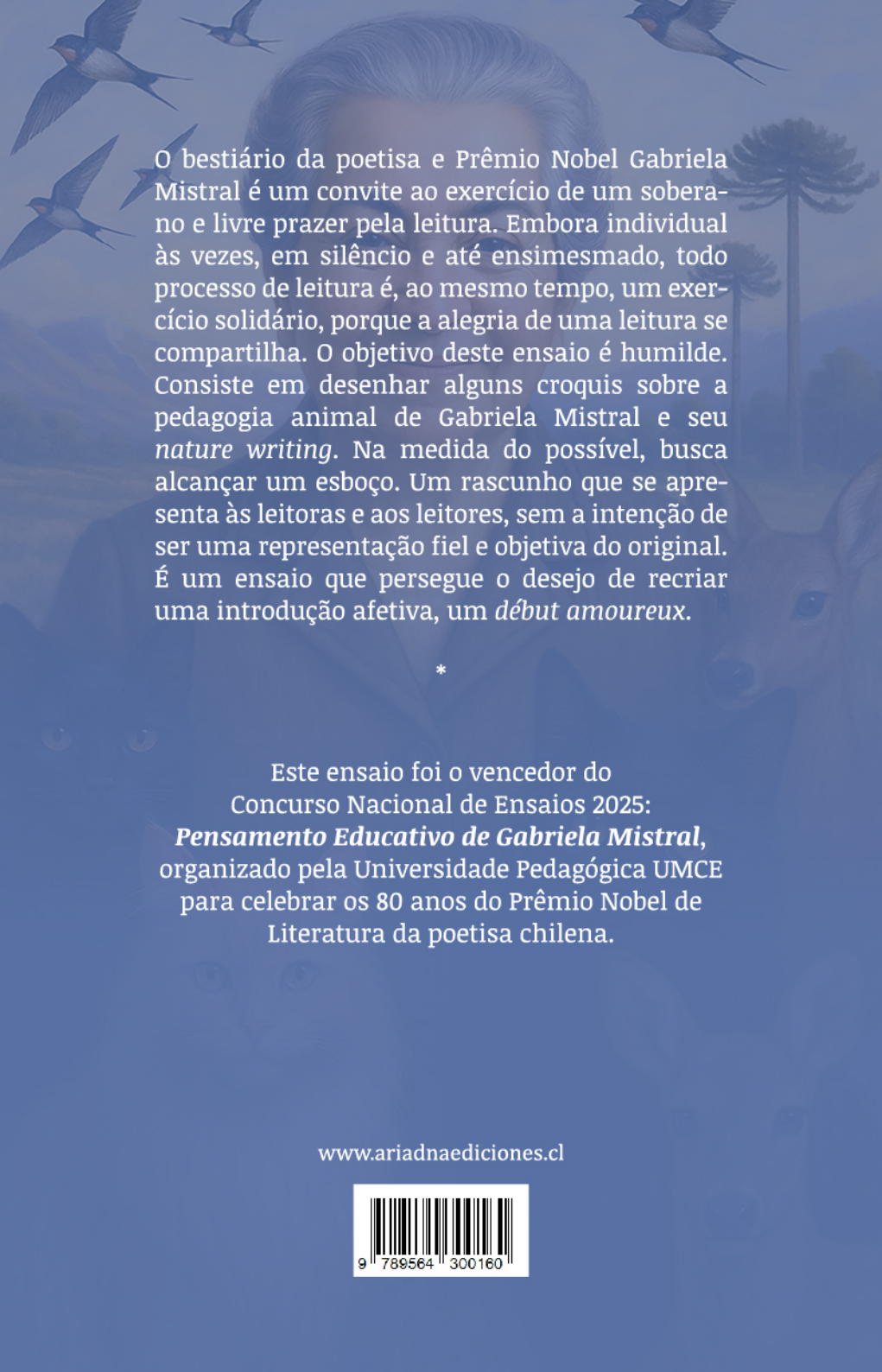
- Fleury, C. (2020).** *Métaphysique de l'imagination*. Paris: Gallimard.
- Goff, J. L. (1999).** *Saint François d'Assise*. Paris: Éditions Gallimard / Folio.
- Maggiori, R. (2005).** *Un animal, un philosophe*. Paris: Éditions Julliard.
- Millet, C. (2021).** *Amar a Lawrence*. Barcelona: Anagrama.
- Mistral, G. (1923).** *Lecturas Para Mujeres*. México: Secretaría de Educación Departamento Editorial.
- Mistral, G. (2015).** *Poema de Chile*. Santiago: La Pollera Ediciones.
- Mistral, G. (2020).** *Por la humanidad futura. Antología política*. Santiago: La Pollera Ediciones.
- Mistral, G. (2020).** *Toda culpa es un misterio. Antología mística y religiosa*. Santiago: La Pollera Ediciones.
- Mistral, G. (2024).** *Caminando se siembra. Prosas*. Santiago: Lumen.
- Mistral, G. (2024).** *Elogio de la naturaleza. Textos en prosa*. Santiago: Lumen.
- Neruda, P. (2022).** *Obras Completas V. Nerudiana dispersa II. 1922-1973*. Barcelona: Galaxia Gutenberg Círculo de Lectores.
- Pastoureau, M. (2001).** *Les animaux célèbres*. Paris: Arléa.
- Pastoureau, M. (2018).** *Bestiaires du Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil.
- Serres, M. (1974).** *Hermès III La Traduction*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Stiegler, B. (2021).** *Nietzsche et la vie. Une nouvelle histoire de la philosophie*. Paris: Éditions Gallimard / Folio.
- Szendy, P. (2022).** *Pouvoirs de la lecture. De Platon au livre électronique*. Paris: La Découverte.
- Vailakis, I. G. (2003).** A Hungry Wolf. The Mask and the Spectacle in Gabriela Mistral. Dans M. A. (Ed.), *Gabriela Mistral. The Audacious Traveler* (pp. 113-131). Ohio: Ohio University Press.
- Zask, J. (2020).** *Zoocities. Des animaux sauvages dans la ville*.

Paris: Premier Parallèle.

Zask, J. (2021). *Face à une bête sauvage*. Paris: Premier Parallèle.

Zask, J. (2022a). *Écologie et démocratie*. Paris: Premier Parallèle.

Zask, J. (2022b). *Quand la forêt brûle. Penser la nouvelle catastrophe écologique*. Paris: Premier Parallèle.



O bestiário da poetisa e Prêmio Nobel Gabriela Mistral é um convite ao exercício de um soberano e livre prazer pela leitura. Embora individual às vezes, em silêncio e até ensimesmado, todo processo de leitura é, ao mesmo tempo, um exercício solidário, porque a alegria de uma leitura se compartilha. O objetivo deste ensaio é humilde. Consiste em desenhar alguns croquis sobre a pedagogia animal de Gabriela Mistral e seu *nature writing*. Na medida do possível, busca alcançar um esboço. Um rascunho que se apresenta às leitoras e aos leitores, sem a intenção de ser uma representação fiel e objetiva do original. É um ensaio que persegue o desejo de recriar uma introdução afetiva, um *début amoureux*.

*

Este ensaio foi o vencedor do
Concurso Nacional de Ensaios 2025:
Pensamento Educativo de Gabriela Mistral,
organizado pela Universidade Pedagógica UMCE
para celebrar os 80 anos do Prêmio Nobel de
Literatura da poetisa chilena.

www.ariadnaediciones.cl

